

AS MÃOS DE PIANO

Aline de Fátima Marques

[Doutoranda UFJ (Universidade Federal de Jataí) – Grupo Dona Alzira]

As mãos do trabalhador e da trabalhadora do campo testemunham sua relação com a terra. Quando observadas de perto revelam a marca de uma vida dura de trabalho. Calos que falam da dureza do trabalho e da experiência acumulada pelas práticas camponesas são letras do corpo camponês. Essas cicatrizes - letras de dor e de amor - formam um mapa de esforço e resiliência. Trago na memória os calos nas mãos que papai trazia da roça. Os calos eram causados pelo cabo da enxada no enleio de um esforço cheio de esperança: nutrir a família.

Todos os dias, ao pôr do sol, papai retocava o fio da enxada. Ele acordava pela madrugada, ajeitava a ferramenta e seguia no romper da aurora a caminho da roça. Lembro-me de detalhes e, às vezes, associo o seu esforço com o esforço de Piano, personagem central do conto “*A Enxada*”, do autor goiano Bernardo Élis, no livro “*Veranico de Janeiro*”. “*A enxada*” narra o drama de Piano, um sujeito simples do campo, pobre, humilde, negro, corcunda, com um enorme papo (bócio), que o atrapalha, inclusive a respirar. Homem prestimoso e delicado no trato com as pessoas. Seu nome é Supriano, mas era conhecido como Piano. Ele tinha uma dívida com o delegado, que a transferiu para o fazendeiro Elpídio Chaveiro. Piano deveria plantar uma roça de arroz até o dia de Santa Luzia, data importante no calendário do camponês. A partir desse momento começou seu pesadelo, pois Piano passou a ser perseguido pelo fazendeiro Elpídio Chaveiro. Piano lutou pela vida, pela liberdade e pela enxada. Piano não tinha enxada e o fazendeiro Elpídio Chaveiro o impedia de ter. Negava-lhe a enxada e impedia que outras pessoas lhe vendessem ou emprestasse. Sob pressões, torturas e ameaças saiu de madrugada com sono debaixo da chuva de Santa Luzia. Findado o prazo dado pelo fazendeiro Elpídio Chaveiro, tendo que plantar a roça de arroz sem enxada, Piano começou a delirar Viu seu corpo transformar-se em enxada Ajoelhou-se no solo, mergulhou as mãos na terra molhada pela chuva. Os dedos de Piano penetravam a terra como se deulhassem as teclas de um piano. Suas mãos cavavam o solo com sangue, suor e lágrimas. Sabia que morreria, não por causa da roça de arroz, mas pela ganância, injustiça e pela violência estimulada pela transformação da terra em mercadoria.

Piano é a representação de um tempo e de uma paisagem formada por coronéis. Viveu dramaticamente o sofrimento da luta para conseguir uma enxada. Essa, a luta de Piano, é a luta de muitos trabalhadores rurais no Brasil; luta por dignidade e condições adequadas para se trabalhar.

No conto, Bernardo Élis descreve a paisagem rural de Goiás na década de 1960 como um cenário marcado pela brutalidade do latifúndio e pela concentração de terras nas mãos de coronéis e pela invisibilidade da luta do trabalhador rural. Os coronéis detinham o controle da terra e da vida dos camponeses. A terra, em Goiás, era o palco de opressão que se alimentava da desigualdade.

O latifúndio é a estrutura fundamental dessa paisagem.

As mãos dos trabalhadores eram esmagadas pela força da opressão, assim como as mãos de Piano, esmagadas pela terra misturada com carne e sangue. Os coronéis eram detentores de vastas áreas de terra impondo um sistema de relações patrimoniais que eram a continuação das práticas coloniais. A escravidão, embora oficialmente extinta, continuava e continua a se manifestar nas relações de trabalho no campo. Piano morreria pelo mesmo motivo que sem-terras e indígenas foram mortos pelo Brasil.

Essa violência é parte de uma estrutura sistêmica que privilegia a concentração de terra, a exploração econômica e o silenciamento de vozes mais vulneráveis. As condições de vida dos trabalhadores rurais eram desumanas, como foi a trajetória de Piano. As mãos que tocavam a terra como se toca o piano, no desespero pela enxada que lhe foi negada como lhe foi negada a dignidade. Piano sentia fome, não tinha o que comer, o seu estômago roncava e sua pele suave enquanto era espancado pelos soldados de Elpídio Chaveiro. O ciclo de exploração era mantido pela violência simbólica e direta: o trabalhador devia obediência ao coronel, cuja palavra era a lei.

Piano é a representação de muitos trabalhadores rurais. Repito, pois precisamos repetir isso. O medo de represálias, o temor de ser expulso de uma terra que não era sua fazia com que os camponeses vivessem uma constante submissão ao latifúndio em condições de trabalho precárias. Hoje quando caminho por essas terras, ouço um piano ao longe que me move à luta.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.